# MODOS DE FAZER

7º seminário de pesquisadores do PPGArtes Uerj

Daniel S. Lopes
Débora Moraes
João Paulo Racy
Renata de Mello
(Organizadores)

1ª edição
Rio de Janeiro
DECULT | UERJ
2019



Grafia revisada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2016.

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

*Capa e Diagramação: Rodrigo Torres do Nascimento*

CATALOGAÇÃO NA FONTE

---

S471 Seminário de Pesquisadores do PPGArtes UERJ (7.:2019: Rio de Janeiro) Modos de fazer: 7. Seminário de Pesquisadores do PPGArtes UERJ / Organizadores: Daniel S. Lopes, et.al. – Rio de Janeiro: UERJ/DECULT, 2019.
300 p.

ISBN 978-85-85954-93-2

1. Arte na educação – Rio de Janeiro (RJ) - Congressos. I. Lopes, Daniel S. II.Título. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento Cultural.

CDU 7:37

---

UERJ/REDE SIRIUS/NÚCLEO MID
Bibliotecária: Luciana Avellar CRB7/4544

# Sumário


08 **Apresentação**

10 **Modos de descolonizar o saber e de habitar o mundo.**
Sheila Cabo Geraldo

15 **Como pesquisar arte em tempos de crise?**
Alexandre Sá

23 **Educação, Ciência, Cultura e Arte em tempos de crise**
Rodrigo Torres do Nascimento

30 **Cidades, corpos e outras territorialidades**
Renata de Mello

49 **Corpos em atravessamento: gênero e política**
Maria Izabel Barreto

68 **Experiências performativas: Afetos e cuidados**
Monique das Neves Silva

83 **Insurgências antirracistas e decoloniais**
Débora Moraes e Hernani Guimarães

101 **Narrativas temporais sobre corpo e afetos**
Gabriela Tarouco Tavares

123 **Novas epistemologias do corpo a arte**
Bruno Reis e Daniel S. Lopes

137 **Poéticas visuais e processos de criação**
Mari Scarambone Jayanetti

157 **Práticas estético-políticas**
Ítala Isis

181 **Fotos**
Julia Bezerra Cruz

254 **Sobre os autores**

## Educação, Ciência, Cultura e Arte em tempos de crise

**Rodrigo Torres do Nascimento**
Presidente da APG - UERJ

Pensar nos campos da Educação, Ciência, Cultura e arte hoje nos coloca em um grande desafio. Percebo como ao longo do tempo fomos quase que jogados em uma armadilha por alguns campos políticos/sociais/econômicos que de certa maneira são os maiores responsáveis pelo período tenebroso que passa não só o Brasil, mas muitos países que percebem uma guinada reacionária na Arte, na Ciência, na Educação e na Cultura. Nomeio os quatro campos por querer de alguma forma reforçar a importância impar de cada um deles, não só enquanto políticas públicas, mas também como necessários ao exercício de uma cidadania que embora não plena se colocou em um período recente em grande força e impacto na vida das pessoas.

A arte é coloca hoje quase que como inimiga número 1 do governo federal do Brasil que a partir disso acaba levando também um grande número de pessoas a vê-la como um mau a ser extirpado da sociedade ou, nas palavras do ex-secretário da Cultura, renascida, como se toda a produção artística e cultural do país não servisse mais  e devesse ser recriada a partir do que o próprio governo entende como melhor a ser caracterizada como arte e cultura. Na administração do ainda Ministério da Cultura de Gilberto Gil e Juca Ferreira, se percebeu uma clara intenção governamental em democratizar o acesso as mais diversas possibilidades de manifestações de arte e cultura, dando assim um claro sinal a quem de certa maneira já se viu na margem da políticas públicas e foi incluída no orçamento federal.

Hoje o que se vê é a nítida vontade de desconstruir políticas de inclusão e contrapô-las ao que é visto pelos governantes como bom e o correto a ser seguido. Roger L. Taylor em seu livro Arte Inimiga do Povo (2006), afirma que a Arte não passaria de um jogo de cenas das classes dominantes para impor seu estilo de vida e vendê-lo como algo superior às preferências e afinidades estéticas das classes populares. Para Taylor (2006), durante o passar dos séculos, o que se considera arte foi sendo ajustado pela religião e pela nobreza como modo de defesa dos seus valores, que deveriam ser vistos pelo restante da população como a verdade absoluta. Com a ascensão da burguesia ao poder, o conceito foi sendo apropriado e alinhado ao exclusivo interesse dessa nova classe, que passou a entendê-la como mercadoria bastante lucrativa e uma forma de se estabelecer como detentora do que falaciosamente se denomina

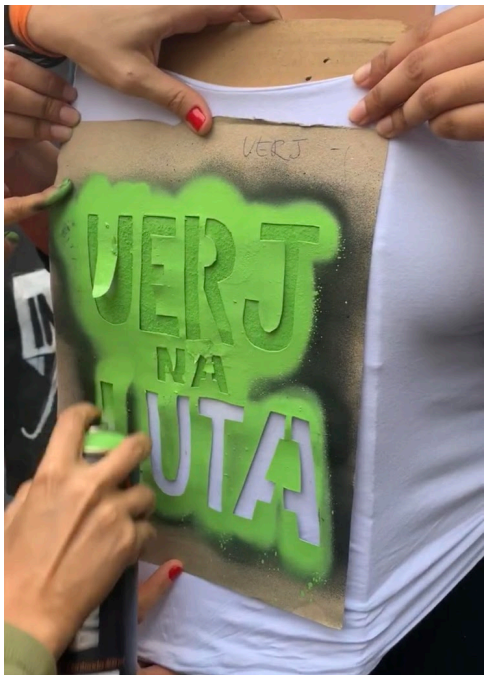
"bom gosto". A propósito, conforme Bourdieu (1983), as localizações sociais correspondem a gostos específicos e, portanto, as escolhas e afinidades culturais não seria aleatórias e desprovidas de sentidos e relações político sociais profundas, assim não poderiam ser compreendidas desconectadas do jogo de imposições da conjuntura social.

Os campos da Educação, Ciência, Cultura e arte sempre foram campos de disputa políticas e ideológicas na sociedade. Essas disputas ocorrem em todos os campos possíveis, seja em conversas corriqueiras a debates inflamados, na rua, nas redes sociais virtuais e nos espaços de poder e tomada de decisões. É importante ressaltar que essa disputa por narrativas é importante para o pleno exercício da democracia, pontos de vistas distintos em diálogo, o respeito a diversidade e o entendimento de sua importância são centrais aqui e é desvirtuando esse aspecto que a sociedade brasileira vem em sua história inclinando a um perfil autoritário que se declarou nas eleições de 2018. O governo na época eleito é hoje quem rege o país com aspirações autoritárias e assim o faz sem entender a lisura do cargo presidencial e de ministros de Estado, são partidários da violência e inimigos da Educação.

No final de abril do ano de 2019, a nova gestão do Ministério da Educação (MEC), sob o comando de Abraham Weintraub, anunciou o corte de verbas da UFF, Ufba e UnB, que, segundo ele, "estiverem fazendo balbúrdia" na tentativa não só de sufocar financeiramente as universidades mas também desmoralizá-las perante a sociedade, prática comum entre os integrantes do governo de Jair Bolsonaro. Sem nenhuma justificativa plausível sobre a escolha das 3 instituições, posteriormente, o corte foi ampliado para todas as universidades. Um bloqueio de 30% na verba das instituições de ensino federais, entre as 60 universidades e os quase 40 institutos em todo o país. De acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), o contingenciamento atingiu 20% da verba para custeio (ou seja, serviços de manutenção, limpeza, segurança, entre outros), e 90% da verba de investimento (custos de uma obra, reforma ou construção, por exemplo). Fazendo com que os campi das instituições de ensino federal ficassem sem nenhuma manutenção que garanta um ambiente propício a plena produção de conhecimento.

O Ministro da Educação declarou que o corte de R$ 926 milhões da Educação, equivalente a 16% do total bloqueado, fosse destinado ao pagamento de emendas parlamentares. O total do bloqueio de recursos da Educação atinge

ações que vão da educação básica à pesquisa. Não bastasse o escárnio dos cortes no Ministério da Educação, os cortes no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) provocaram a suspensão de 4.500 bolsas para estudantes de graduação e pós-graduação. Criado em 1951, o CNPq tem papel fundamental para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, em inúmeras projetos que melhoram a qualidade de vida dos brasileiros, como também esteve na descoberta e exploração do Pré-sal. Esta mera ameaça significa uma situação de enorme insegurança para estudantes desde a iniciação científica à pós-graduação, no país e no exterior.




Manifestação pela educação em 15 de maio de 2019

Em maio, o MEC anunciou que também estudava "descentralizar" investimentos aos cursos de filosofia e sociologia, o que mobilizou um manifesto contrário à

proposta assinado por representantes de universidades com prestígio mundial, como Harvard, Yale, MIT, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Columbia e Berkeley. É nítida a orientação de órgãos do governo contra, em especial, as ciências humanas por entender os pesquisadores nessa área como inimigos e que na condição de governo podem então atuar para o esvaziamento de seus investimentos públicos. O presidente chegou a alegar que iria concentrar os recursos em áreas que "dão retorno rápido ao contribuinte" querendo assim disputar a narrativa que existam áreas mais importantes e que as ciências humanas podem sofrer com cortes por não darem um retorno a sociedade. Esse entendimento além de errôneo já que os estudos relativos as humanidades contribuem assim como as demais áreas a todas as ciências, é uma tentativa de descredibilizar profissionais altamente comprometidos, que são críticos sim a maneira como o governo vem atuando, mas pelo seu papel monocrático e desrespeitoso perante a democracia e a ciência.

Ainda no mês de maio, o ministro da educação foi convocado para o congresso para dar explicações acerca do corte no setor, após votação favorável a convocação por parte de 307 deputados, contra 82. A sessão ocorreu ao mesmo tempo em que aconteciam os protestos pelo Brasil. Entre as palavras de ordem usadas pelos manifestantes incluem-se: "Tira tesoura da mão e investe na educação" e "Não é mole não, tem dinheiro pra milícia, mas não tem pra educação", em alusão a um possível envolvimento de Bolsonaro com as milícias e o Caso Queiroz. Segundo a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Associação Nacional dos Pós-graduandos (ANPG) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), 500 mil manifestantes compareceram na Avenida Paulista, e no total, compareceram 1,5 milhão em todo o país. Nós pós-graduandos da Uerj junto com demais estudantes, professores e funcionários técnicos administrativos também estivemos presentes na Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro, com mais de 150 mil manifestantes.

Na educação, os cortes do governo alcançaram 7,4 bilhões de reais. Investimentos em pesquisa, como bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram cortados, afetando principalmente estudantes da baixa renda da educação básica, futuros pesquisadores ainda na graduação e em grande parte os estudantes da pós-graduação. Foram quase 12 mil bolsas de estudos cortadas e a completa redução do orçamento destinado aos programas de pós-graduação. Na Uerj, o programa de pós que mais sofreu com os cortes foi o PPGArtes, com 12 bolsas de mestrado cortadas.

Estudantes que já haviam se organizado para começar a receber as bolsas ficaram sem perspectivas de continuar suas pesquisas.




Manifestação pela educação em 15 de maio de 2019

Não obstante o CNPq, como já citado, quase não conseguiu pagar as bolsas de estudos oferecidas pela agência durante o ano e vem sofrendo a possibilidade de fusão com a CAPES, o que daria fim as atividades da agência que é um importante mecanismo de incentivo a pesquisa científica no país, fundado em 1951 tendo a missão de fomentar a Ciência, Tecnologia e Inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional, porém, essas não parecem ser as mesmas intenções do atual governo federal brasileiro mais preocupado, citando o próprio presidente, em desconstruir o Estado brasileiro. Posto e reiterado, lembro ser inaceitável a extinção do CNPq, como

sinaliza o movimento de estrangulamento orçamentário, que representa uma política sem compromisso com o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico para com a soberania nacional.

A desmoralização praticada pelo atual governo vem desde o período eleitoral, em que os mesmo que agora ocupam o Palácio do Planalto utilizaram de notícias falsas para perseguir educadores alegando uma doutrinação comunista nas escolas e universidades e a "ideologia de gênero" entendimento reacionário à políticas educacionais direcionadas ao respeito as diversidades sexuais e de gênero nas escolas brasileiras.

Culminando no "Escola sem Partido", um projeto de lei que impõe uma fiscalização e punição a professores que falem sobre gênero, sexualidade, e quaisquer assuntos relativos a movimentos sociais, classes, partidos políticos de esquerda e correntes de pensamento do campo, ferindo assim a liberdade de cátedra dos educadores, garantida pela constituição. Hoje embora o fundador do movimento que deu origem ao projeto tenha desistido do mesmo, o governo federal abriu canais para receber denúncias de possíveis doutrinações em sala de aula com o intuito de perseguir professores e estudantes. Algo que contribui para o medo de profissionais da área atuarem com plena liberdade no exercício de suas funções.

É imprescindível se colocar contra o programa "Escola sem Partido", ele representa uma imposição de um pensamento único. Mais do que isso: representa um discurso de uma neutralidade que não existe, como já afirmava Paulo Freire (2011), "não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?". É minimamente leviano achar que o que aprendemos enquanto estudantes ou ensinamos enquanto professores não é dotado de grande viés ideológico.

Todos os espaços educativos devem estar abertos as possibilidades de entendimentos de mundo. Sejam de quais matizes ideológicos forem, devem ser respeitadas é claro, sem que essas firam a dignidade de qualquer pessoa. Em um ambiente democrático que é como devem ser as escolas e universidades brasileiras, como descreve a constituição federal, as disputas são saudáveis, o diálogo e a divergência fazem parte de um lugar que se propõe a produzir conhecimento sem quaisquer riscos. A perseguição a um pensamento não deve ser tolerado, ainda mais com a ideia, sem respaldo algum com as diversas realidades, de que professores doutrinam estudantes, algo que só pode vir de

pessoas que não são pesquisadores da área já que não compreendem a complexidade que existe dentro dos cotidianos escolares Brasil afora.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.
STROPASOLAS, Pedro. Como os cortes de bolsas afetam a vida de milhares de cientistas no Brasil. *Brasil de Fato*, São Paulo, 17, setembro e 2019. Educação. Disponível em: <brasildefato.com.br/2019/09/17/como-os-cortes-de-bolsas-afetam-a-vida-de-milhares-de-cientistas-no-brasil/>. Acesso em: 20, dezembro de 2019.
TAYLOR, Roger L.. *Arte inimiga do povo*. São Paulo, SP: Conrad, 2006.